

# Negligência divide médicos e governo

A morte do menino Osanir Francisco de Andrade, de um ano, ocorrida dia 26 de abril por falta de atendimento médico no Hospital Regional de Planaltina (Distrito Federal), abriu uma guerra surda entre o Ministério da Saúde e a categoria médica. No mesmo dia em que o garoto morreu, o ministro Alceni Guerra denunciou, na Comissão de Saúde da Câmara, "a grande greve geral na saúde, resultado do absenteísmo dos médicos do Inamps". No dia seguinte, o presidente Fernando Collor comentou o caso durante discurso na cerimônia de criação do Sistema Único de Saúde (SUS).

"A falta de investimentos é que provoca o desinteresse dos profissionais", argumenta Hércules Sidnei Liberal, presidente do Conselho Federal de Medicina. "A questão do absenteísmo é um varejo, está sendo hiperdimensionada", resume Liberal, para quem o médico, por ser a "personificação da Medicina, está sendo o depositário de todas as mazelas do sistema".

O Sindicato dos Médicos do Distrito Federal está acompanhando a sindicância no hospital de Planaltina, mas garante que havia médicos para atender o garoto. "Foi a burocracia que não permitiu a Osanir chegar até o médico", justifica Arlete Sampaio, secretária-geral do

sindicato. Os pais do garoto — que morreu de pneumonia, na fila de atendimento — garantem ter sido informados de que os médicos estavam em horário de almoço.

## OMISSÃO

A comissão designada pelo Inamps para apurar as mortes de quatro pessoas em dois dias, no posto médico de urgência do instituto em Belo Horizonte, concluiu ter havido falhas técnicas e humanas em três dos casos. Segundo a comissão, Ana Rosa de Jesus, 80 anos, morreu de derrame depois de esperar sete horas por internação; Joaquim Ferreira de Moraes, 26 anos, demorou três horas e 20 minutos para ser atendido — o que provocou sua morte. A demora também foi decisiva para a morte de João Pedro, 49 anos, vítima de derrame. Segundo o presidente da comissão e gerente regional do sistema de saúde do Inamps em Minas, Romilson Starling Tavares, a demora no atendimento se deve ao fato de o problema já ter se tornado rotina para os trabalhadores do setor: "Eles já estão acostumados a ver tanta gente esperando", justifica. Em Belém, o menino José Rodrigo, de dois meses, morreu ontem no posto pediátrico do Inamps. A criança apresentava febre e diarreia.